
Nota:

*Folder sobre a exposição de Thomaz Perina na Aliança Francesa / Galeria de Arte Vernissage ocorrida entre
22 de Maio e 15 de Junho de 1990*

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto

AS PAISAGENS DE THOMAZ PERINA

O mínimo de desenho, o mínimo de cor: o suficiente para Thomaz Perina compor as paisagens que seduzem nosso olhar e surpreendem nosso imaginário.

Tornamo-nos, inicialmente, cúmplices da nostalgia das cores e da solidão dos personagens: uma linha e uma esfera (ou apenas um pouco mais) soltas no espaço e presas no universo monocórdio, indiscriminado, sem saídas perceptíveis.

Descartando os elementos figurativos, Perina cria paisagens da alma, sob as quais não consegue disfarçar a coragem de enfrentar os riscos da experimentação, das mudanças e do desvendar caminhos desconhecidos.

Suas minimal paisagens não deixam de ser poemas visuais, onde a natureza, a

passagem do tempo e as perdas estão incorporadas e plasticamente contidas, à semelhança dos *hai-kais*. Diante dessa simplicidade, somos remetidos à humildade do autor, para quem o processo criativo preserva o vínculo arte-vida, sendo a vida uma viagem em que o caminho importa mais que a chegada.

"Mestre do pastel", "mestre do desenho", "mestre da decoração", assim foi Perina chamado em outros tempos. Para nós, hoje, ele é uma espécie de "mestre zen" que, ao compartilharmos de sua amizade, estamos desejando usufruir de seu saber, e obtermos dele alguma centelha para iluminar um pouco mais nossos caminhos.

Thomaz Perina

Paisagens

em Retrospectiva Didática

22 de maio a 15 de junho de 1990

Aliança Francesa de Campinas / Galeria de Arte

Vernissage: dia 22 de maio, às 20,30 hs.

Endereço: Rua José Theodoro de Lima, 66
Cambuí - Campinas (Fones 314090 e 326247)

Hor.: 2ª à 6ª f.: das 8 às 12 hs. e das 13:30 às 21 hs.

Sábado: das 9 às 12 hs.

Sábado: das 9 às 12 hs.

THOMAZ PERINA: UMA RETROSPECTIVA

Thomaz Perina nasceu em 1920, em Campinas Vila Industrial, onde reside até hoje.

Aos 10 anos de idade, já se descobria como desenhista e pintor, ora utilizando o carvão de cozinha para desenhar figuras nas calçadas de sua casa, ora ilustrando os quadros negros da escola, em dias de festa, ora pintando papéis a lápis de cor, que eram expostos na quitanda próxima a sua casa.

Ainda adolescente, aprendeu a utilizar as tintas, papéis, telas, pincéis, recursos, linguagens.

Em 1944, aos 23 anos, Perina apresentou-se pela primeira vez num Salão de Artes. Foi no II Salão de Belas Artes de Campinas. Recebeu elogios da crítica, que encantada com a suavidade e o lirismo de sua pintura, previu sua premiação no ano seguinte.

Realmente, em 1945, no III Salão, Perina recebia o 1º Prêmio, na categoria de pastel, com seu trabalho "Vestido Branco".

Para Perina essa premiação significava a oficialização do início de sua carreira de artista, que viria incluir participações em Salões de Belas Artes (Campinas e São Paulo), com premiações, de 1945 a 1953. E em Salões de Arte Moderna e Contemporânea (diversas cidades brasileiras), com premiações, de 1959 a 1966.

A partir de 1967 Perina não mais participou de Salões ou Mostras competitivas.

Ainda nos anos 40, Perina tornou-se professor de Desenho na Escola de Desenho e Tecnologia de Campinas (Prof. Olavo Sampaio), onde trabalhou quase 30 anos. Como professor ele transmitia, é claro as regras do Desenho, mas orientava seus



observou que os artistas de Campinas, com Thomaz Perina à frente, formaram o primeiro grupo e movimento de arte moderna (não moderna) de Campinas, com projeção não só estadual, como nacional.

Integraram o Grupo Vanguarda, juntamente com Perina, Mário Bueno, Geraldo de Souza (falecido em 1970), Maria Helena Motta Paes, Geraldo Jurgensen, Raul Porto, Franco Sacchi (falecido em 1972), Edoardo Belgrado (na Itália desde 1959),

Alberto Amêndola Heinzl, como poeta, Enéas Dedecca, Francisco Biojone e Bernardo Caro. Em 1959, Perina, por ter exposto na Galeria das Folhas, participou da Exposição para o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (SP); em 1960, recebeu a Medalha de Prata no IX Salão Paulista de Arte Moderna. E no Décimo, em 1961 o Prêmio Governador do Estado, o máximo que poderia desejar um artista naquela época. Além da importância desse prêmio nos meios artísticos brasileiros, ele possibilitou a Thomaz Perina a

participação na International Art

Exhibition, em Tóquio, no mesmo ano,

juntamente com Manabu Mabe, Paulo Becker, Arcângelo Ianelli e Fábio Barbosa, representando a nova pintura brasileira.

No período de 1961 a 1975, Perina participou também do Grupo Hoje, em Campinas, criado sob a liderança de Maria Helena Motta Paes, abrindo aos jovens

artistas contemporâneos (que representavam uma segunda geração), um espaço entre aqueles já consagrados.

Com a extinção do G.V. (1966) Perina se sentiu mais livre para se dedicar a outros aspectos das artes plásticas. Tanto assim que no 1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1966) recebeu a Medalha de Ouro não com pintura, mas com um trabalho de Arte Ambiental.

Não há como se referir a Thomaz Perina sem se mencionar sua relação com o Teatro, uma relação antiga e que existe até os dias

regras do Desenho, mas orientava seus alunos para que eles fossem descobrindo e concebendo o seu próprio desenho. Geraldo de Souza e Maria Helena Motta Paes estiveram entre os mais destacados.

No início dos anos 50, em companhia do amigo e pintor, Mário Bueno, Perina iniciava o processo de radicalização de sua pintura, abandonando o pastel, efetuando experiências com outras tintas, como o guache, e criando estilizações para conseguir um clima de paisagem.

A grande ruptura aconteceu ao se deparar com a quantidade de trabalhos contemporâneos e de qualidade tão inesperada, na I Bienal de São Paulo, 1951. ("Foi um impacto", diz Perina). E naquele momento decidiu que era aquele o seu caminho, e para isso teria que ousar ainda mais em suas experiências.

Em 1953, numa Exposição com Mário Bueno e Clóvis Chagas, no saguão do antigo Teatro Municipal de Campinas, Perina e seus companheiros apresentaram seus trabalhos "modernistas", sob intensa reação dos acadêmicos que os chamavam de "loucos" enquanto a imprensa defendia os três jovens "pesquisadores" da pintura.

Em 1957, Campinas já contava com uma produção artística inovadora bastante significativa, quando então foi realizada a I Exposição de Arte Contemporânea da cidade, reunindo mais de 10 artistas. Separavam-se definitivamente os caminhos entre acadêmicos e modernistas. Estes, mais jovens e entusiasmados, descobriam novos espaços, criaram sua galeria-sede, a histórica Galeria Aremar, fomentavam profundas transformações no âmbito cultural da cidade.

Em 1958, a maioria dos artistas da I Exposição, decidiu criar o Grupo Vanguarda, com objetivo e estratégias de luta para implantação da arte contemporânea em Campinas, Décio Pignatari, poeta concretista, que acompanhou a fase inicial do Grupo,



Textos: Dayz Peixoto Fonseca

Fotos: Ademar Manarini

uma relação antiga e que existe até os dias de hoje, participando diretamente através de criação de cenografias e figurinos, atendendo a convites de grupos teatrais locais.

Também sobre a decoração de interiores e a ornamentação de salões para o carnaval (atividades que exerceu profissionalmente), em que extravasava seu gosto pela invenção, e competência na articulação entre os variados elementos de composição. Chegou a experimentar o desenho de fantasias, para carnaval, publicadas nos jornais da cidade nos anos 70.

Em 1975, em atendimento ao pedido do Prefeito de Campinas, criou a ornamentação arquitetônica para o Centro de Convivência Cultural: uma síntese de arte ambiental, pintura e colagem de fragmentos-signos,

como um conjunto ornamental equivalente a um grande cenário onde as peças apresentadas deveriam ser as atividades da própria cultura da cidade.

De 1974 a 1984, participou de exposições e eventos, como: Calendário Bosch/Arte Contemporânea de Campinas (1974); Exposição Individual no MAC-Campinas (1975); Exposição na Praça Roosevelt e Salão Portinari/SP. (1978); Grupo Anacrônicos da Madrugada/Altinópolis, Ribeirão Preto, Cravinhos, Campinas (1980); Exposição de Artistas do Interior/Assembleia Legislativa de S. Paulo (1981); Artistas de Galeria/Ribeirão Preto (1982); "A Obra de Thomaz Perina"/MAC-C (1983), Acervo Unicamp/Arte Contemporânea de Campinas 1958/78 (1984).

E nos últimos cinco anos, de diversas exposições individuais e coletivas, inclusive na Aliança Francesa de Campinas e de Vila Mariana/SP (1988).

Nesta exposição, Thomaz Perina: Paisagens em Retrospectiva Didática, são apresentados 30 trabalhos, datados de 1952 a 1989.

AS PAISAGENS DE THOMAZ PERINA

O mínimo de desenho, o mínimo de cor: o suficiente para Thomaz Perina compor as paisagens que seduzem nosso olhar e surpreendem nosso imaginário.

Tornamo-nos, inicialmente, cúmplices da nostalgia das cores e da solidão dos personagens: uma linha e uma esfera (ou apenas um pouco mais) soltas no espaço e presas no universo monocórdio, indiscriminado, sem saídas perceptíveis.

Descartando os elementos figurativos, Perina cria paisagens da alma, sob as quais não consegue disfarçar a coragem de enfrentar os riscos da experimentação, das mudanças e do desvendar caminhos desconhecidos.

Suas minimal paisagens não deixam de ser poemas visuais, onde a natureza, a

passagem do tempo e as perdas estão incorporadas e plasticamente contidas, à semelhança dos haikais. Diante dessa simplicidade, somos remetidos à humildade do autor, para quem o processo criativo preserva o vínculo arte-vida, sendo a vida uma viagem em que o caminho importa mais que a chegada.

"Mestre do pastel", "mestre do desenho", "mestre da decoração", assim foi Perina chamado em outros tempos. Para nós, hoje, ele é uma espécie de "mestre zen" que, ao compartilharmos de sua amizade, estamos desejando usufruir de seu saber, e obtermos dele alguma centelha para iluminar um pouco mais nossos caminhos.

Thomaz Perina

Paisagens

em Retrospectiva Didática

22 de maio a 15 de junho de 1990

Aliança Francesa de Campinas / Galeria de Arte

Vernissage: dia 22 de maio, às 20,30 hs.

Endereço: Rua José Theodoro de Lima, 66
Cambui - Campinas (Fones 314090 e 326247)

Hor.: 2ª à 6ª f.: das 8 às 12 hs. e das 13:30 às 21 hs.

Sábado: das 9 às 12 hs.

Sábado: das 9 às 12 hs.

THOMAZ PERINA: UMA RETROSPECTIVA

Thomaz Perina nasceu em 1920, em Campinas Vila Industrial, onde reside até hoje.

Aos 10 anos de idade, já se descobria como desenhista e pintor, ora utilizando o carvão de cozinha para desenhar figuras nas calçadas de sua casa, ora ilustrando os quadros negros da escola, em dias de festa, ora pintando papéis a lápis de cor, que eram expostos na quitanda próxima a sua casa.

Ainda adolescente, aprendeu a utilizar as tintas, papéis, telas, pincéis, recursos, linguagens.

Em 1944, aos 23 anos, Perina apresentou-se pela primeira vez num Salão de Artes. Foi no II Salão de Belas Artes de Campinas. Recebeu elogios da crítica, que encantada com a suavidade e o lirismo de sua pintura, previu sua premiação no ano seguinte.

Realmente, em 1945, no III Salão, Perina recebia o 1º Prêmio, na categoria de pastel, com seu trabalho "Vestido Branco".

Para Perina essa premiação significava a oficialização do início de sua carreira de artista, que viria incluir participações em Salões de Belas Artes (Campinas e São Paulo), com premiações, de 1945 a 1953. E em Salões de Arte Moderna e Contemporânea (diversas cidades brasileiras), com premiações, de 1959 a 1966.

A partir de 1967 Perina não mais participou de Salões ou Mostras competitivas.

Ainda nos anos 40, Perina tornou-se professor de Desenho na Escola de Desenho e Tecnologia de Campinas (Prof. Olavo Sampaio), onde trabalhou quase 30 anos. Como professor ele transmitia, é claro as regras do Desenho, mas orientava seus alunos para que eles fossem descobrindo e concebendo o seu próprio desenho. Geraldo de Souza e Maria Helena Motta Paes estiveram entre os mais destacados.

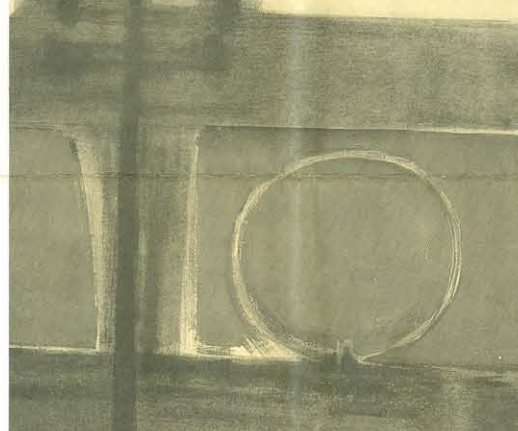
No início dos anos 50, em companhia do amigo e pintor, Mário Bueno, Perina iniciava o processo de radicalização de sua pintura, abandonando o pastel, efetuando experiências com outras tintas, como o guache, e criando estilizações para conseguir um clima de paisagem.

A grande ruptura aconteceu ao se deparar com a quantidade de trabalhos contemporâneos e de qualidade tão inesperada, na I Bienal de São Paulo, 1951. ("Foi um impacto", diz Perina). E naquele momento decidiu que era aquele o seu caminho, e para isso teria que ousar ainda mais em suas experiências.

Em 1953, numa Exposição com Mário Bueno e Clóvis Chagas, no saguão do antigo Teatro Municipal de Campinas, Perina e seus companheiros apresentaram seus trabalhos "modernistas", sob intensa reação dos acadêmicos que os chamavam de "loucos" enquanto a imprensa defendia os três jovens "pesquisadores" da pintura.

Em 1957, Campinas já contava com uma produção artística inovadora bastante significativa, quando então foi realizada a I Exposição de Arte Contemporânea da cidade, reunindo mais de 10 artistas. Separavam-se definitivamente os caminhos entre acadêmicos e modernistas. Estes, mais jovens e entusiasmados, descobriam novos espaços, criaram sua galeria-sede, a histórica Galeria Armar, fomentavam profundas transformações no âmbito cultural da cidade.

Em 1958, a maioria dos artistas da I Exposição, decidiu criar o Grupo Vanguarda, com objetivo e estratégias de luta para implantação da arte contemporânea em Campinas, Décio Pignatari, poeta concretista, que acompanhou a fase inicial do Grupo,



Textos: Dayz Peixoto Fonseca

Fotos: Ademar Manarini

como um conjunto ornamental equivalente a um grande cenário onde as peças apresentadas deveriam ser as atividades da própria cultura da cidade.

De 1974 a 1984, participou de exposições e eventos, como: Calendário Bosch/Arte Contemporânea de Campinas (1974); Exposição individual no MAC-Campinas (1975); Exposição na Praça Roosevelt e Salão Portinari/SP, (1978); Grupo Anacrônicos da Madrugada/Altinópolis, Ribeirão Preto, Cravinhos, Campinas (1980); Exposição de Artistas do Interior/Assembleia Legislativa de S. Paulo (1981); Artistas de Galeria/Ribeirão Preto (1982); "A Obra de Thomaz Perina"/MAC-G (1983); Acervo Unicamp/Arte Contemporânea de Campinas 1958/78 (1984).

E nos últimos cinco anos, de diversas exposições individuais e coletivas, inclusive na Aliança Francesa de Campinas e de Vila Mariana/SP (1988).

Nesta exposição, Thomaz Perina: Paisagens em Retrospectiva Didática, são apresentados 30 trabalhos, datados de 1952 a 1989.

observou que os artistas de Campinas, com Thomaz Perina à frente, formaram o primeiro grupo e movimento de arte moderna (não moderna) de Campinas, com projeção não só estadual, como nacional.

Integraram o Grupo Vanguarda, juntamente com Perina, Mário Bueno, Geraldo de Souza (falecido em 1970), Maria Helena Motta Paes, Geraldo Jurgensen, Raul Porto, Franco Sacchi (falecido em 1972), Edoardo Belgrado (na Itália desde 1959), Alberto Amêndola Heinzl, como poeta, Enéas Dedecca, Francisco Biojone e Bernardo Caro.

Em 1959, Perina, por ter exposto na Galeria das Folhas, participou da Exposição para o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (SP); em 1960, recebeu a Medalha de Prata no IX Salão Paulista de Arte Moderna. E no Décimo, em 1961 o Prêmio Governador do Estado, o máximo que poderia desejar um artista naquela época. Além da importância desse prêmio nos meios artísticos brasileiros, ele possibilitou a Thomaz Perina a participação na International Art Exhibition, em Tóquio, no mesmo ano, juntamente com Manabu Mabe, Paulo Becker, Arcangelo Janelli e Fábio Barbosa, representando a nova pintura brasileira.

No período de 1961 a 1975, Perina participou também do Grupo Hoje, em Campinas, criado sob a liderança de Maria Helena Motta Paes, abrindo aos jovens artistas contemporâneos (que representavam uma segunda geração), um espaço entre aqueles já consagrados. Com a extinção do G.V. (1966) Perina se sentiu mais livre para se dedicar a outros aspectos das artes plásticas. Tanto assim que no 1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1966) recebeu a Medalha de Ouro não com pintura, mas com um trabalho de Arte Ambiental.

Não há como se referir a Thomaz Perina sem se mencionar sua relação com o Teatro, uma relação antiga e que existe até os dias de hoje, participando diretamente através de criação de cenografias e figurinos, atendendo a convites de grupos teatrais locais.

Também sobre a decoração de interiores e a ornamentação de salões para o carnaval (atividades que exerceu profissionalmente), em que extravasava seu gosto pela invenção, e competência na articulação entre os variados elementos de composição. Chegou a experimentar o desenho de fantasias, para carnaval, publicadas nos jornais da cidade nos anos 70.

Em 1975, em atendimento ao pedido do Prefeito de Campinas, criou a ornamentação arquitetônica para o Centro de Convivência Cultural: uma síntese de arte ambiental, pintura e colagem de fragmentos-signos, como um conjunto ornamental equivalente a um grande cenário onde as peças apresentadas deveriam ser as atividades da própria cultura da cidade.